



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA  
CAMPUS ITAPECURU MIRIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**ELANDIA ALBUQUERQUE DA SILVA**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA REDE SOCIAL DIGITAL INSTAGRAM:** um  
estudo de caso do Perfil Quebrando o Tabu

Itapecuru Mirim  
2024

**ELANDIA ALBUQUERQUE DA SILVA**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA REDE SOCIAL DIGITAL INSTAGRAM:** um  
estudo de caso do Perfil Quebrando o Tabu

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudiene Diniz da Silva

Itapecuru Mirim  
2024

Silva, Elandia Albuquerque da

O preconceito linguístico na rede social digital Instagram: um estudo de caso do Perfil Quebrando o Tabu. / Elandia Albuquerque da Silva. – Itapeturu Mirim, MA: UEMA, 2024.

Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Campus Itapeturu Mirim, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Claudiene Diniz da Silva.

49 f.

1. Preconceito linguístico. 2. Variação linguística. 3. Instagram. 4. Quebrando o Tabu. I. Título.

CDU: 81:004

**ELANDIA ALBUQUERQUE DA SILVA**

**O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NA REDE SOCIAL DIGITAL INSTAGRAM: um**  
estudo de caso do Perfil Quebrando o Tabu

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Letras da Universidade Estadual  
do Maranhão como requisito para a obtenção  
de grau em Licenciatura em Letras com  
habilitação em Língua Portuguesa e  
Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudiene Diniz da  
Silva

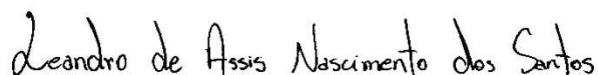
**Aprovada em: 19/ 08 /2024**

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudiene Diniz da Silva (Orientadora)**  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



---

**Prof. Esp. Leandro de Assis Nascimento  
dos Santos  
(1º examinador)**



---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Suzane Castro de Araújo  
(2º examinador)**

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, por me dar forças, discernimento e sabedoria para concluir esta etapa da minha vida. A meus pais, que não tiveram a chance de concluir seus estudos, mas sempre estiveram ao meu lado. Dedico ainda ao meu irmão mais velho, Joaquim, que abriu mão da sua graduação para que eu concluísse a minha.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado sabedoria ao longo da minha vida acadêmica, pela oportunidade de conhecer amigos, professores, pela força nos momentos difíceis durante o curso e experiência adquirida até aqui.

Agradeço, ainda, a meus pais, a meus irmãos, a meus tios e a meus avós maternos pelo apoio e incentivo. À minha orientadora Professora Dr.<sup>a</sup> Claudiene Diniz por aceitar este desafio e por fazer parte deste momento tão especial.

Agradeço a turma 2020.1 que me acolheu com muito amor e carinho, especialmente às pessoas mais amáveis que encontrei nessa jornada, Ana Kissia e Mauricio Silva, que se fizeram presentes em todos os momentos ao longo do curso.

Problema com escola eu tenho mil, mil fita  
Inacreditável, mas seu filho me imita. No meio de  
vocês ele é o mais esperto Ginga e fala gíria;  
gíria não, dialeto.

(Racionais MCs)

## RESUMO

Esta monografia aborda o preconceito linguístico e suas manifestações na sociedade. O qual trata-se da comparação indevida do modo real de fala das pessoas com a gramática normativa. Para isso, esta pesquisa teve como objetivo analisar o preconceito linguístico na rede digital Instagram, especificamente um post do perfil quebrando o Tabu e os comentários na respectiva postagem. Para alcançar tal objetivo utilizaram-se os estudos de Bagno (1999), que propõe oito mitos sobre a língua, isto é, para o preconceito linguístico, que foram essenciais para este trabalho; Tarallo (2007), destaca que as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não – padrão; conservadoras vs. Inovadoras; além disso, trabalhamos com os autores Santos, Maria, Lavareda (2019), que refletem sobre o preconceito linguístico e as mídias digitais; entre outros estudiosos que contribuíram para este trabalho. Para alcançar nossos objetivos utilizamos o método de pesquisa exploratório, descritivo e qualitativo. Durante a análise, foi possível perceber que a língua é utilizada como espaço de dominação e acentua a divisão de classes, sendo o preconceito linguístico resultado dos estratos sociais, onde o Português dado como certo é usado pela classe dominante e o dado como errado, utilizado pela classe menos favorecida. A variação linguística ou os diferentes modos de fala são interpretados como resultado do analfabetismo, visão esta que ficou escancarada no post do perfil quebrando o tabu. Diante disso, podemos afirmar que o preconceito linguístico é um círculo vicioso que vai sendo reproduzido constantemente por toda a sociedade.

**Palavras-chave:** preconceito linguístico; variação linguística; Instagram; Quebrando o Tabu.



## **ABSTRACT**

The subject of this monograph is linguistic prejudice and its manifestations in society. This is the undue comparison of people's actual speech with normative grammar. To this end, this research aimed to analyze linguistic prejudice on the digital network Instagram, specifically a post from the profile breaking the Taboo and the comments on the respective post. To achieve this goal, we used the studies of Bagno (1999), who proposes eight myths about language, that is, for linguistic prejudice, which were essential for this work; Tarallo (2007) points out that the variants of a speech community are always in a competitive relationship: standard vs. non-standard; conservative vs. innovative; in addition, we worked with the authors Santos, Maria, Lavareda (2019), who reflect on linguistic prejudice and digital media; among other scholars who contributed to this work. To achieve our objectives, we used the exploratory, descriptive and qualitative research method. During the analysis, it was possible to see that language is used as a space of domination and accentuates class division, with linguistic prejudice being the result of social strata, where the Portuguese given as right is used by the dominant class and the one given as wrong is used by the less favored class. Linguistic variation or different modes of speech are interpreted as the result of illiteracy, a view that was made clear in the post on the breaking the taboo profile. Given this, we can say that linguistic prejudice is a vicious circle that is constantly reproduced throughout society.

**Keywords:** linguistic prejudice; linguistic variation; Instagram; Breaking the Taboo.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - print do Perfil.....	28
Figura 2 - Você sabe o que é preconceito linguístico? parte 1 .....	31
Figura 3 - Você sabe o que é preconceito linguístico? parte 2-7.....	33
Figura 4 - Análise de comentário que defende a linguagem oral .....	35
Figura 5 - Análise de comentário que defende a linguagem oral .....	36
Figura 6 - Análise de comentário que defende a linguagem .....	36
Figura 7 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	37
Figura 8 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	38
Figura 9 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	38
Figura 10 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	39
Figura 11 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	39
Figura 12 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	40
Figura 13 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	40
Figura 14 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	41
Figura 15 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	42
Figura 16 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	42
Figura 17 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	43
Figura 18 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	43
Figura 19 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico .....	44

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2 ENTENDENDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO</b>	14
2.1 Variação Linguística	16
2.2 Preconceito Linguístico	19
2.3 Preconceito Linguístico e as Mídias Digitais	21
<b>3 PERFIL QUEBRANDO O TABU: CONTEXTO E RELEVÂNCIA</b>	24
3.1 Histórico do Perfil Quebrando o Tabu	25
3.2 Principais Temáticas Abordadas	25
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	27
<b>5 ANÁLISE DE DADOS</b>	31
5.1 Definindo o preconceito linguístico	31
5.2 Discutindo o preconceito linguístico	35
<b>6 CONCLUSÃO</b>	45
<b>REFERÊNCIAS</b>	47

## 1 INTRODUÇÃO

A língua parte de um processo evolutivo que carrega consigo a identidade de seus usuários. Durante sua transformação, vão surgindo diversas particularidades em diferentes regiões, povos e grupos distintos, ou seja, seu processo além de contínuo é variável.

Apesar da vasta diversidade cultural e étnica do Brasil, as variedades linguísticas de grupos sociais menos privilegiados tendem a ser vistas como uma língua errada, pois não seguem os padrões da gramática normativa. Esse fenômeno recebe o nome de preconceito linguístico uma forma de discriminação que avalia o modo de falar de algumas pessoas.

O preconceito linguístico é também preconceito social, pois emana, geralmente, de pessoas que têm mais privilégios, tais como educação de qualidade, acesso a livros e a cinema, entre outras formas de atividades culturais, em que predomina o uso da norma culta. Já as pessoas que sofrem esse tipo de preconceito são aquelas que receberam uma educação precária e não têm acesso à cultura e ao lazer. Logo, pode-se afirmar que preconceito linguístico tem a ver com as relações de dominadores e dominados pelas quais perpassam a sociedade. Ou seja, relações de poder.

Partindo das percepções acima e da leitura do livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, de Marcos Bagno, surgiu meu interesse em desenvolver estudos sobre esse tema, na perspectiva da sociolinguística. Outro fator que motivou a escolha dessa temática foi uma postagem do perfil Quebrando o tabu (@quebrandootabu<sup>1</sup>), na plataforma digital Instagram, sobre o preconceito linguístico. Os comentários dos seguidores chamaram minha atenção, pois revelaram alto índice de preconceito sobre as variações linguísticas.

Este estudo pretende responder uma série de indagações a respeito desse tipo de conteúdo: (i) o que leva alguém a fazer isso; (ii) quais seus motivos; (iii) será ignorância ou preconceito; e, (iv) o mais relevante questionamento: se as Mídias Digitais

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://www.instagram.com/quebrandootabu/>

contribuem para o aumento do preconceito linguístico. Considerando os estudos sobre variações linguísticas, esta monografia tem como objeto de estudo o preconceito linguístico pelo qual perpassam algumas variações, principalmente, a fala.

Nessa perspectiva, o objetivo geral dessa pesquisa será refletir sobre o preconceito linguístico no Instagram, partindo do perfil *Quebrando o tabu*, dedicado às reflexões socialmente relevantes da sociedade contemporânea. Para complementar nossos estudos, seguem objetivos específicos:

- Fazer levantamento bibliográfico sobre o preconceito linguístico de modo geral e sua relação com as redes sociais;
- Analisar a discussão proposta pelo perfil do Instagram *Quebrando o tabu* sobre preconceito linguístico, considerando as postagens e os comentários dos seguidores do perfil;
- Apresentar e analisar os argumentos utilizados como justificativa para o preconceito linguístico, propondo contra-argumentos para desmistificá-los.

Para atingir os objetivos estabelecidos, consideramos os estudos sobre o preconceito e como ele foi analisado dentro das Mídias digitais, mais especificamente dentro do Instagram. Como embasamento teórico, esta investigação ancora-se nos estudos de Bagno (1999, 2003), Tarallo (2007), Mussalin e Bentes (2004), Santos, Maria, Lavareda (2019), Marconi e Lakatos (2009), Gil (2012), entre outros autores que foram surgindo ao longo deste trabalho.

Assim, compreende-se que esta pesquisa colabora com os estudos desenvolvidos por alunos do curso de Letras que decidam investigar a área da Sociolinguística. Espera-se, também, que auxilie professores que trabalham no ensino médio, bem como aqueles que trabalham nos anos finais do ensino fundamental.

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho divide-se em seis seções. A primeira contém a introdução. A segunda estrutura-se em três subseções, a saber: a 2.1 apresenta os estudos sobre as variações linguísticas; a 2.2 entende e explica o preconceito linguístico; já a 2.3 analisa o preconceito linguístico nas Mídias digitais. A terceira seção, com suas respectivas subseções, aborda o perfil *@Quebrando o tabu*, seu contexto e sua relevância, assim como o histórico e as principais temáticas tratadas

no perfil. A quarta apresenta os procedimentos metodológicos que foram usados durante o desenvolvimento da pesquisa. A quinta analisa os resultados dos dados coletados e faz as discussões sobre as postagens preconceituosas. Por fim, a sexta seção traz a conclusão acerca do trabalho. Na sequência encontram-se as referências usadas nesta pesquisa.

## 2 ENTENDENDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico parte das relações estruturais da sociedade, sejam elas econômicas, políticas, sociais, étnicas ou culturais. Na percepção dos sociólogos Marx e Engels (1997, p. 29) “A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes. [...], uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou pelo declínio comum das classes em luta”. Ora, as relações que sustentam a sociedade baseiam-se na estética da dominação em que tais quais consistem em força opressora versus força oprimida. Para entendê-la bem podemos fazer uma comparação com a relação entre burguesia e proletariado, na qual a primeira é dona da razão, que exerce o poder; e a segunda é aquela que sofre as consequências das atitudes e das decisões da primeira. De acordo com os sociólogos Marx e Engels (1997):

Nas anteriores épocas da história encontramos quase por toda a parte uma articulação completa da sociedade em diversos estados [ou ordens sociais — Stände], uma múltipla gradação das posições sociais. [...] A moderna sociedade burguesa, saída do declínio da sociedade feudal, não aboliu as oposições de classes. Apenas puseram novas classes, novas condições de opressão, novas configurações de luta, no lugar das antigas (Marx, Engels, 1997, p. 29,30).

Nesse sentido, entende-se que as relações sociais são baseadas na dominação que vem desde os primórdios da sociedade. Essa condição não mudou, sendo reproduzida e repassada de geração a geração e, para mascarar as relações de poder que estão enraizadas na sociedade, encontraram-se novas formas de dominação, conforme explica Marx e Engels (1997):

A nossa época, a época da burguesia, distingue-se, contudo, por ter simplificado as oposições de classes. A sociedade toda cinde-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que directamente se enfrentam (Marx, Engels, 1997, p. 30).

Para entender o preconceito linguístico, basta saber que a língua se tornou fonte de dominação e de poder. Sob essa ótica, quem detém tal função prega o conceito de certo e errado e ignora a comunicação, que é a principal função da língua. Ademais, o detentor do poder despreza todas as variações linguísticas e todo o processo de formação e evolução não só da língua, mas também da humanidade. Nesse sentido, Bagno (1999) revela que:

A “Língua” foi elevada a essa categoria abstrata, devendo, portanto, ser “preservada” em sua “pureza”, “defendida” dos ataques dos “barbarismos”, “conservada” como um “patrimônio” que não pode sofrer “ruína” e “corrupção”. Nessa concepção nada científica, língua não é toda e qualquer manifestação oral e/ou escrita de qualquer ser humano, de qualquer falante nativo do idioma: “a Língua”, com artigo definido e inicial maiúscula, é somente aquele ideal de pureza e virtude, falado e escrito, é claro, pelos “puros” e “virtuosos” que estão no topo da pirâmide social e que, por isso, merecem exercer seu domínio sobre as demais camadas da população. A língua deixou de ser fato concreto para se transformar em valor abstrato (Bagno, 1999, p. 148).

Saber expressar-se corretamente é ação obrigatória na sociedade contemporânea. A etiqueta dos bons modos, de ser culto, confunde-se com a comunicação que a língua oferece; falar bem virou sinônimo de conhecimento. Dessa forma, observa-se que em uma sociedade elitista e estruturalista tudo é feito pensando na dominação. E isso se refere como a língua é usada e para qual finalidade. Bagno (1999) afirma:

É o que se vê, hoje em dia, na imprensa e na mídia brasileira, com os comandos paragramaticais analisados neste livro, essa enxurrada de programas de televisão e de rádio, colunas de jornal e revista que tentam preservar as noções mais conservadoras do “certo” e do “errado”, desprezando o saber acumulado por mais de um século de ciência lingüística moderna, que tem no Brasil centros de pesquisa de excelência reconhecida internacionalmente. Isso para não falar também dos grupos de pessoas que dizem promover ridículos “movimentos de defesa da língua portuguesa”, como se fosse necessário defender a língua de seus próprios falantes nativos, a quem ela pertence de fato e de direito (Bagno, 1999, p. 149,150).

Nota-se, então, que em sociedades assim, tudo funciona como um esquema de pirâmide, segundo o qual quem está no topo detém poder sobre a base. Acrescente-se a isso que a sede por dominação é tão grande que toda a sociedade vive em torno de um círculo vicioso. Bagno (1999) afirma o seguinte sobre o ensino de língua preconizado pela Gramática Tradicional:

Os termos e conceitos da Gramática Tradicional — estabelecidos há mais de 2.300 anos! — continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração de alunos para outra, como se desde aquela época remota não tivesse acontecido nada na ciência da linguagem [...] ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais (Bagno, 1999, p. 147,148).

Nesse viés, entende-se a língua como um fato social, pois as relações que se estabelecem a partir dela determinam as regras sociais, e, dessa relação, advém o



preconceito linguístico. Pode-se entender que o preconceito linguístico tem relação com a burguesia e com o proletariado, que julga como certa a gramática, ou seja, a norma culta, aquela que é ensinada nas escolas.

A subseção, a seguir, discute os conceitos de variação pela qual a língua perpassa ao longo dos anos.

## 2.1 Variação Linguística

Historicamente, a língua foi definida como um sistema de signos abstratos. Na visão do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), a língua é abstrata e passa a ser concreta por meio da fala. Conforme o livro *Curso de Linguística Geral*, (2006, p. 43): “enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. Ainda na perspectiva de Saussure (2006):

Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila (Saussure, 2006, p. 42).

Mais tarde, Chomsky (1978) denomina a língua como desempenho que surge com o conhecimento que os falantes tem da língua. Logo após, Hymes (1966) faz uma reinterpretação da visão chomskyana e acrescenta a capacidade de produção dos falantes, isto é, a adequação do discurso em diferentes contextos. Os estudos de Hymes (1966) contribuíram muito com a sociolinguística. Os conceitos de produção e de condições de fala importam bastante para esta ciência, pois traz a questão do meio social para dentro da produção de fala. Porém, foram os estudos do sociolinguista William Labov em (1962), na Ilha Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, Estados Unidos, que comprovaram haver uma variação linguística em relação ao inglês falado na cidade. Graças a suas investigações foi possível provar que a língua sofre variações por diversos fatores, sejam eles sociais ou econômicos. Segundo o livro *Padrões Linguísticos de Labov*, traduzido em 2008 por Bagno:

É difícil examinar a distribuição social da língua em Nova York sem se deparar com o padrão de estratificação social que permeia a vida da cidade [...]. O uso deste termo não implica qualquer tipo específico de classe ou casta, mas simplesmente que os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em status ou prestígio por acordo geral (Labov, 2008, p. 64, 65).

No processo de transformação da língua foram surgindo diversas particularidades em diferentes regiões, grupos, nações, etc., ou seja, seu processo de evolução é contínuo e variável. Isso revela que ela não é homogênea, pois não tem como ignorar as variações que surgem entre seus usuários. Nesse sentido, Bagno (1999, p. 97) afirma que essa maneira de falar “(...) não é porque somos “caipiras”, “jecas-tatus”, “matutos” ou “tabaréus”. É porque a língua muda com o tempo segue seu curso, transforma-se. “Afim, se não fosse desse modo, ainda estaríamos falando latim”. O autor ainda completa:

Na verdade, falamos latim, um latim que sofreu tantas transformações que deixou de ser latim e passou a ser português. Da mesma forma, o português do Brasil — queiram os gramáticos ou não também está se transformando, e um dia, daqui a alguns séculos, será uma língua diferente da falada em Portugal — mais diferente do que já é... (Bagno, 1999, p.97).

Ora, sabe-se que a língua se desenvolve na mesma proporção em que seus usuários se transformam. Ela acompanha o desenvolvimento do ser humano, por isso e graças a estes seu crescimento sofre uma aceleração muito maior ao da humanidade. Essas variações são simultâneas e, segundo Calvet (2002, p. 114), “não são apenas lingüísticas”; elas têm ao mesmo tempo uma pertinência social e participa de certa “cultura”. De acordo com autor:

Mas a política lingüística pressupõe ainda que essas variações podem ser o produto de uma ação in vitro, que uma pessoa pode conscientemente mudar a língua, as relações entre as línguas e, por conseqüência, as relações sociais. O desafio dessa proposição é enorme, especialmente quando pensamos nas numerosas situações nas quais a dominação social se lê na dominação lingüística (Calvet, 2002, p. 159).

É perceptível que a heterogeneidade da língua advém de fatores contextuais, étnicos, sociais, regionais, entre outros, que são determinantes para sua evolução e que tais fatores enriquecem e aceleram esta transformação. Conforme Bagno (1999):

Toda variedade lingüística é também o resultado de um processo histórico

próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades (Bagno, 1999, p. 47).

De acordo com Tarallo (2007, p. 57), “a língua falada é heterogênea e variável. A variabilidade da fala é passível de sistematização. A língua falada é, portanto, um sistema variável de regras”. Partindo dessa afirmação, Mussalin e Bentes (2006) propõem que:

Em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. (Mussalin e Bentes, 2006, p. 39).

A língua falada não pode ser unificada e muito menos homogênea. Ela muda de acordo com as necessidades de seus usuários passando assim por um constante processo de evolução. Tais mudanças decorrem de diversos fatores, conforme explica Labov (2008):

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas psicológicas do indivíduo (Labov, 2008, p. 19,20).

Tais variações podem ser definidas em dois parâmetros: (i) a variação geográfica ou diatópica; e (ii) a variação social ou diastrática. As autoras Mussalin e Bentes (2006) definem essas variações da seguinte forma:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (Mussalin e Bentes, 2006, p.34,35).

Vale salientar que as variações linguísticas dividem a sociedade, pois diversos grupos só são conhecidos por suas variedades. Segundo Bortoni-Ricardo (2021, p. 69), “se a origem da variante está associada a grupos sociais de prestígio, ela vai carregar esse prestígio. Alternativamente, se ela é oriunda de grupos estigmatizado, manterá esse caráter”. Ainda na visão da autora:

Quando a língua padrão é associada à classe social, torna-se símbolo de status. As classes sociais que detêm prestígio e poder têm amplo acesso a ela; as classes inferiores na pirâmide, que vão aprender na escola. O processo é paralelo ao de sua modalidade social ascendente (Bortoni-Ricardo, 2021, p. 71).

Assim se tornou a língua. As variedades linguísticas são aceitas apenas nos grupos aos quais pertencem, havendo, em contextos formais, maneiras corretas de falar, ou seja, existe uma norma que rege a língua e que precisa ser seguida. Compreende-se, então, que o preconceito linguístico é fruto das relações de poder que a sociedade possui, é mais uma das formas de dominação já existentes na sociedade, Bagno (1999) afirma:

Como é fácil perceber, o que está em jogo não é a simples “transformação” de um indivíduo, que vai deixar de ser um “semlíngua padrão” para tornar-se um falante da variedade culta. O que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a “ascensão” social dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua (Bagno, 1999, p. 70).

Desse modo, compreende-se que a língua não é única, pois antes de tudo ela é viva. Defendê-la como única é estar contribuindo com o aumento do preconceito linguístico pregado por aqueles que detêm maior influência no meio social.

A subseção abaixo resume o sentido de preconceito linguístico, ancorando-se nas ideias do sociolinguístico Marcos Bagno.

## 2.2 Preconceito Linguístico

A sociedade brasileira é regida por vários padrões, sejam eles sociais, econômicos e até mesmo linguísticos. Criou-se a ideia de que há apenas um modo certo de falar e que os demais estilos são considerados errados, gerando, assim, o preconceito linguístico. Bagno (1999) afirma que:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe *como vimos no mito nº1*, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerado, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”. E não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Bagno, 1999, p. 39).

Crê-se que aqueles que não dominam a língua padrão e a gramática normativa não sabem falar, isto é, a crença da língua padronizada por um grupo que detém maior

influência nos meios sociais. Quanto a isso, Bagno (1999) nos diz que:

Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os sem língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que, no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão (Bagno, 1999, p. 15,16).

A reprodução do preconceito advém de um grupo de maior poder e influência que se sobrepõe a outro grupo de menor influência pelo seu jeito de falar e de se expressar, e que, por sua vez, este diminui outro menor e assim sucessivamente, até chegar às classes mais pobres. Entretanto, Bagno (1999) adverte sobre outro tipo de preconceito, aquele que é feito contra a própria pessoa. Assim, o autor explica:

Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação à outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma (Bagno, 1999, p. 74).

Ainda segundo Bagno (1999), esse círculo vicioso se forma pela união de três elementos, quais sejam: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. Os autores Santos, Maria e Lavareda (2019) ainda completam:

De certo, percebe-se que a Base Nacional Curricular legitima de alguma maneira esse tipo de política linguística, uma vez que é a partir daquilo que está proposto nela que as pessoas tentam fazer suas escolhas vocabulares e de escrita às quais começam na sala de aula até chegar à internet. Posto isso, é estabelecido um padrão hierarquizador para a língua a fim de realizar um determinado gerenciamento linguístico, sem levar em consideração maneiras diferentes de falar em todo território nacional (Santos, Maria, Lavareda, 2019, p. 11-12).

Existem várias outras maneiras de manifestação do preconceito linguístico, como: dizer que uma pessoa fala errado, pelo seu sotaque, pela correção da fala, pelo riso quando o outro está falando, tudo isso se caracteriza como preconceito linguístico, pois há um pré-julgamento da fala e da condição do outro. Diante desse cenário, Bagno (1999) afirma:

A gramática escolar, no entanto, desconhece essa transformação por que a

língua está passando e insiste em considerar “erradas” construções como “Eu conheço ele”, “Você viu ela chegar” etc. [...] As regras gramaticais consideradas “certas” são aquelas usadas por lá, que servem para a língua falada lá, que retratam bem o funcionamento da língua que os portugueses falam (Bagno, 1999, p. 24, 25).

Nesse viés, entende-se que não se trata de preconceito linguístico, mas sim social. Isso porque a condição em que nasce e está inserido um indivíduo não é mera consequência da sua escolha, e sim dos meios sociais que o levaram a isto. Assim, é a relação estabelecida pelas classes sociais que determinam como serão as relações linguísticas, bem como o que será considerado como certo e errado. Para Bagno (2003):

Em boa medida, nós somos a língua que falamos, e acusar alguém de não saber falar sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber “usar” corretamente a visão (isto é, afirmar o absurdo de que alguém é capaz de enxergar, mas não é capaz de ver) (Bagno, 2003, p. 17).

Com forte influência, a gramática tenta ensinar que há um jeito certo para falar e escrever forçando o aluno a militar sua fala. Esse aluno, sem perceber, reproduz no seu meio social o que aprende na escola. Assim sendo, a gramática normativa incentiva o aluno a fazer parte do círculo vicioso que é o preconceito linguístico.

É essa cadeia sinonímica equivocada que permite há muita gente a acreditar que o manual de gramática e o dicionário contêm as únicas possibilidades de uso da língua como se fosse possível encerrar em um livro toda a complexidade que governa as relações dos seres humanos entre si e consigo mesmos por meio da linguagem (Bagno, 2003, p. 21).

A ideia do preconceito linguístico baseia-se, então, na estética de certo e errado, sobretudo de quem fala errado. Dessa maneira, o preconceito linguístico é uma premissa de estigma social contra o indivíduo julgado.

A próxima subseção analisa como ocorre e como se dissemina o preconceito social nas mídias digitais.

### **2.3 Preconceito Linguístico e as Mídias Digitais**

A ideia de domínio do discurso permeia a sociedade contemporânea, isto é, a língua padrão como objeto de dominação. Nos meios digitais, essa ideologia fica ainda mais visível, uma vez que há um consenso que enaltece a língua padronizada em detrimento das outras variações que vêm de classes mais abastadas ou com menor

influência nesse meio, conforme afirma Santos, Maria e Lavareda (2019):

A respeito disso, é possível visualizar que por causa dessa escolha de uma língua que na maioria das vezes é feita a partir da gramática normativa, comumente, é ironizada nas redes sociais, a exemplo do Facebook, que mostra em suas postagens as variedades linguísticas tão presentes no território brasileiro - o que é resultado de diferenças de estratos e grupos sociais, regiões e contexto comunicativo, sendo alvo de preconceitos (Santos; Maria; Lavareda, 2019, p. 11).

Utiliza-se das variedades linguísticas para obter mais comentários e curtidas em post, muitas das vezes, mal-intencionados. Dessa forma, os usuários se aproveitam de qualquer oportunidade para aumentar o engajamento e, também, para espalhar discurso de ódio, fazer chacota da fala de outras pessoas, utilizar-se das variedades que são alheias para mostrar o seu preconceito e deixar claro o quanto são “superiores”, pois acreditam que a língua é unificada e homogênea. Santos, Maria e Lavareda (2019) afirmam que:

É evidente que esse tipo de preconceito sai da sala de aula e adentra aos meios digitais, e do mesmo modo como as pessoas “aprendem” no meio escolar uma única maneira de falar/escrever a língua portuguesa, elas esperam que isso se concretize nos meios digitais, mas quando isso não ocorre, é possível ver a aparição do preconceito linguístico nesse meio (Santos; Maria; Lavareda, 2019, p. 11).

Dentro das Mídias digitais, criou-se uma forma de língua padrão ou uma reprodução daquela disseminada no meio social. Há nesse meio digital internautas intolerantes e tolerantes. Aqueles que não toleram as variedades linguísticas não aceitam serem contrariados e procuram sempre diminuir quem entende e tenta explicar que a língua não deve ser padronizada, pois ela é viva e heterogênea e está em constante evolução buscando sempre atender as necessidades daqueles que a usam como meio de comunicação. Os autores Santos, Maria e Lavareda (2019) dizem que:

É estabelecido ideologicamente um consenso para a comunidade de fala do meio digital em relação ao valor do patrimônio linguístico “padrão” em detrimento do uso de alguma língua real ou outra manifestação que não seja o cânone. Rede de memória imbricada com uma política linguística praticada (relacionada ao dia a dia) (Santos; Maria; Lavareda, 2019, p. 8).

De acordo com os estudiosos Santos, Maria e Lavareda (2019), é possível destacar três fatores: os usuários de variedades linguísticas que se distanciam da norma padrão comumente são vistos como pessoas que não tiveram o devido acesso à

educação e são também preguiçosos, embora isso não seja fundamentado. Os autores supracitados complementam:

Os indivíduos que combatem o preconceito, os linguistas, além de sofrerem resistência dos grupos preconceituosos, também são desconhecidos, na maioria dos casos, por aqueles que sofrem tal preconceito; o grupo que sofre preconceito desconhece sua importância no papel de evidenciar as ricas variedades da língua, devido a isso acaba fortalecendo o grupo preconceituoso, além de aceitar sua própria desvalorização (Santos; Maria; Lavareda, 2019, p. 15).

O meio digital é utilizado como estratégia de disputa linguística, isto é, julga-se como certa apenas a gramática. A língua se tornou fonte de dominação de poder e quem detém tal função prega o conceito de certo e errado, conforme explicam Santos, Maria e Lavareda (2019):

É evidente que esse tipo de preconceito sai da sala de aula e adentra aos meios digitais, e do mesmo modo como as pessoas “aprendem” no meio escolar uma única maneira de falar/escrever a língua portuguesa, elas esperam que isso se concretize nos meios digitais, mas quando isso não ocorre, é possível ver a aparição do preconceito linguístico nesse meio (Santos; Maria; Lavareda, 2019, p. 11).

Assim, evidencia-se que o meio digital dissemina ainda mais o preconceito linguístico, sendo reproduzido em forma de piadinha, discurso de ódio, ironia e deboche. Isso porque é pregada uma única forma correta da língua, desconsiderando as inúmeras variedades existentes na sociedade.

A seção abaixo, com suas respectivas subseções, destina-se à apresentação e descrição das características do perfil do Instagram *Quebrando o tabu*.



### 3 PERFIL QUEBRANDO O TABU: CONTEXTO E RELEVÂNCIA

O meio digital vem ganhando muitos adeptos nos últimos anos e com eles uma grande quantidade de informações, desinformações e distorções de dados. Além disso, a forma como os acontecimentos são divulgados contribuem para que sejam propagados tão rapidamente que as fontes podem ter origem duvidosa.

As redes sociais digitais conseguem reter maior número e atenção de usuários por um grande período de tempo, pois a propagação dos conteúdos é mais rápida e mais abrangente do que outros meios de comunicações. Elas são fonte rápida de informações, nelas circulam diversos tipos de conteúdos que podem vir pela metade ou fora do contexto em que ocorreram. Nas redes digitais, a principal preocupação de alguns perfis é quantidade de like e de engajamento que os posts atingirão. Diante desse cenário, é crucial verificar as informações que circulam no meio digital, pois a disseminação ocorre de forma simultânea e pode ser mal intencionada.

Ademais, nem sempre quem compartilha as informações está ciente dos fatos completos. Alguns usuários fazem um recorte da parte que lhes interessa para suas publicações e ganhar, com isso, mais seguidores e maior visibilidade dentro das plataformas, não tendo o cuidado com páginas que prezam pela veracidade dos fatos.

Entre os diversos perfis está o *Quebrando o Tabu*, que é uma página da rede social digital Instagram. Esse perfil tem cerca de 7,5 milhões de seguidores e possui 14,4 mil publicações, que vão desde questões sociais a questões políticas. Sua imagem de seriedade e seus conteúdos são baseados em fatos verídicos, seguindo um critério de avaliação e de relevância do momento social.

As publicações desse perfil não só informam como também trazem conceitos, pesquisas, debates e estudos relacionados ao tema proposto. O perfil tem compromisso com a informação e respeito com seus seguidores apresentando os dois lados de cada tema publicado.

O perfil trabalha os acontecimentos sob diferentes olhares, buscando conscientizar os seus seguidores a respeito de temáticas que, por vezes, não ficam bem explícitas. Além disso, a página utiliza linguagem simples e compreensível em sua postagens.

A subseção, a seguir, descreve as características e as estratégias adotadas pelo perfil *Quebrando o tabu*.

### **3.1 Histórico do Perfil Quebrando o Tabu**

Com postagem sobre temáticas altamente relevantes, o *perfil Quebrando o tabu* é uma página que visa criar um debate entre os seus seguidores deixando o espaço para que cada um possa se manifestar de forma respeitosa e educada. A página é imparcial em suas publicações, seu compromisso é sempre com a informação e conscientização, o que é possível perceber em cada um dos seus posts.

O perfil recebe muitas críticas quando não atribui ao governo a responsabilidade por determinados assuntos. Esse comportamento induz os seguidores, tanto de direita quanto de esquerda, a levar a discussão para este lado. – Isso acaba tendo um efeito negativo, o que prejudica o foco e a intenção do post.

Pode-se perceber que o histórico desse perfil sempre foi debater temas que são relevantes e polêmicos; a intenção é obter opinião dos internautas sobre assuntos que realmente ainda são tabus ou que geram impactos na sociedade. No entanto, na maioria das vezes, os comentários não atingem de forma positiva os internautas, que interagem fora do curso da postagem, porque os seguidores não entendem o foco da publicação e acabam expondo opiniões fora do contexto. Os posts não são debatidos como deveriam, pois não atingem toda a sociedade da mesma forma, o que é perceptível pelos comentários.

Os principais temas publicados no perfil *Quebrando o tabu* são elencados na subseção abaixo.

### **3.2 Principais Temáticas Abordadas**

As publicações do *perfil Quebrando o tabu* são bastantes polêmicas, uma vez que alguns dos temas abordados ainda são de fato um tabu na sociedade. Suas principais temáticas são questões sociais, como direitos dos indígenas no Brasil, racismo, homofobia, machismo, meio ambiente, saúde mental, política, entre outros.

Embora, o perfil faça tais publicações no intuito de declarar que existem assuntos que não precisam de argumentos, alguns dos posts dividem opiniões. O perfil

utiliza-se de fatos reais que ocorrem no Brasil e no mundo, como descriminação e legalização do aborto, estupro, entre outros. No entanto, o ele sofre com os haters que não concordam com a temática abordada. No entanto, o ataque é maior quando o perfil fala sobre política.

Curiosamente, no que tange ao ex-presidente do Brasil, especialmente sobre as inúmeras polêmicas que ocorreram durante a pandemia da COVID-19, a legião de defensores nos comentários é assustadora, não somente pelo número, mas pelos comentários feitos por eles.

Vale ressaltar que assuntos como esse repercutem muito mais, uma vez que existe uma dualidade de opiniões dos internautas. Posts assim atingem um número de likes e comentários superiores quando comparado a assuntos não tão polêmicos, embora sejam indispensáveis para a discussão.

É importante destacar que todas as temáticas compartilhadas pelo perfil *Quebrando o Tabu* revelam repúdia social, pois são casos reais em que não há punição justa de acordo com a gravidade do ato.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção destaca-se de forma sucinta como ocorreu a coleta e análise dos dados obtidos para atingir o objetivo geral, qual seja: refletir sobre o preconceito linguístico na rede digital Instagram. Na busca por respostas para a problematização destacada neste trabalho, optou-se por uma pesquisa de cunho exploratório, descritivo e qualitativo, além da pesquisa bibliográfica. O estudo exploratório busca maior aprofundamento e conhecimento do objeto a ser estudado. Segundo Gil (2007), recomenda-se esse tipo de pesquisa quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado.

Ressalte-se, também, que a pesquisa exploratória é mais flexível em sua abordagem, pois permite que ajustes sejam feitos conforme a obtenção de novos dados. Ademais, o foco desse tipo de pesquisa está no contexto e nas possíveis variáveis que ocorrem no objeto pesquisado. A pesquisa exploratória permite que o pesquisador construa uma base sobre o fenômeno em estudo para futuras pesquisas que sejam mais detalhadas e complexas

Diante disso, este método é mais eficaz na busca dos objetivos inicialmente propostos. Além disso, este método busca aumentar o conhecimento do pesquisador acerca do assunto. Segundo Gil (2007), a pesquisa exploratória não requer elaboração de hipóteses a serem testadas nos trabalhos, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre o determinado assunto de estudo. Esse autor afirma que:

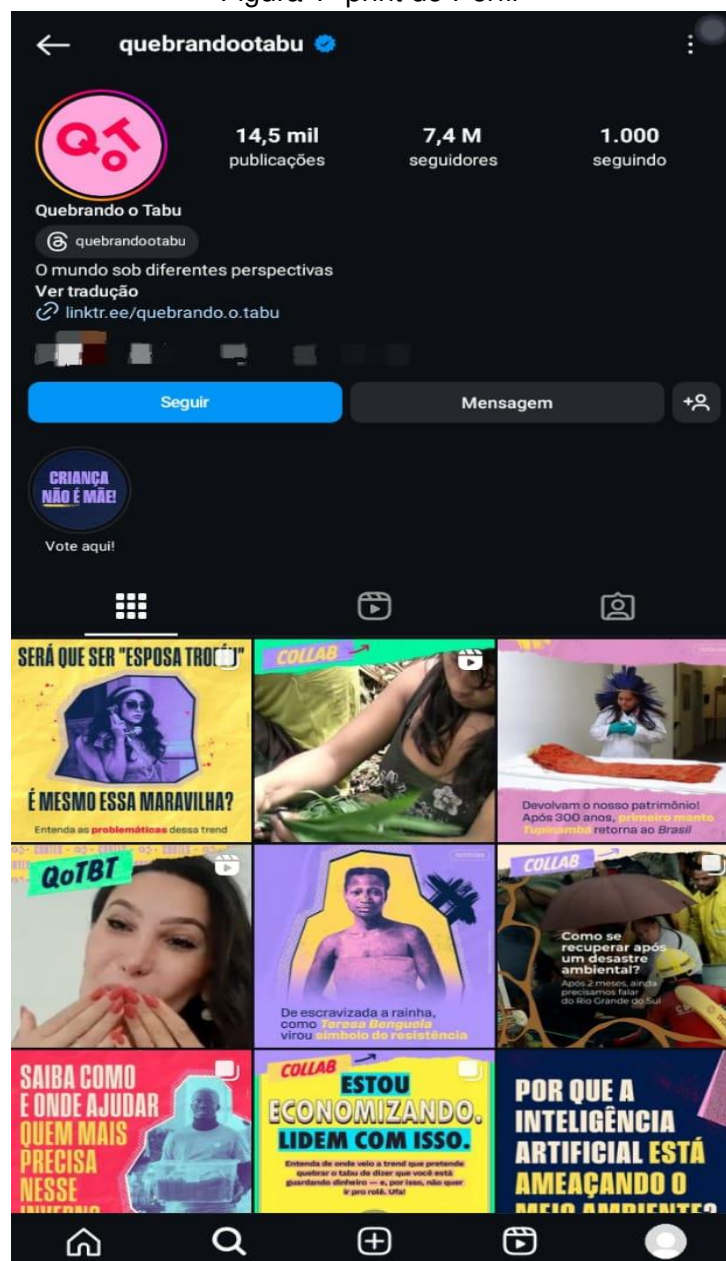
Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno, obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias. A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes (Gil, 2007, p. 64).

A natureza desta pesquisa é de caráter básico, isto é, com foco no conhecimento, não na resolução do problema, sua fonte referencial para coleta de dados é secundária. Todos os dados foram coletados de uma publicação do *perfil Quebrando o Tabu*, página da rede digital Instagram.

A rede digital Instagram é um aplicativo que visa buscar a interação entre os usuários por meio de postagens de vídeos, de fotos e de memes. Além disso, tem o recurso de mensagens, chamadas de vídeos e storys. O aplicativo tem alto número de usuários de diferentes idades em todo o mundo

O perfil *Quebrando o Tabu*, foi criado em 2018 na rede digital Instagram, tem cerca de 7,5 milhões de seguidores e mais de 14 mil publicações. É um perfil bastante pertinente, pois traz diversos assuntos diariamente para serem debatidos entre seus seguidores. Alguns desses assuntos são comentados pela mídia e dividem opiniões; já outros servem para informar e alertar a população sobre temas poucos conhecidos e debatidos pela sociedade em geral. A diversidade de assuntos postados no perfil é gigantesca.

Figura 1- print do Perfil



Fonte: Instagram

A seleção do nosso objeto de pesquisa aconteceu a partir de uma publicação sobre o preconceito linguístico, o qual tinha por objetivo primordial explicar o termo em questão. Entretanto, gerou uma discussão preconceituosa por parte dos comentários de alguns seguidores. Tais comentários são o foco deste estudo.

Ciente disso, a natureza desta pesquisa é de caráter qualitativo, por meio do qual coletamos dados de alta qualidade e passíveis de serem analisados. De acordo com Lüdke e André:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regras através do trabalho intensivo de campo (Lüdke; André, 2013, p. 11).

Nessa perspectiva, esta pesquisa não se restringe a ser puramente exploratória, é também descritiva, pois permite apontar características dos objetos em estudos. Segundo Gil (2002), as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente os pesquisadores sociais realizam, uma vez que estão preocupados com a atuação prática; já para Lakatos e Marconi, as pesquisas descritivas:

Consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatístico, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses (Lakatos; Marconi, 2009, p. 70).

É válido salientar, ainda, que os dados obtidos são puramente interpretativos, já que os mesmos não são passíveis de manipulação. Segundo Lakatos e Marconi (2007), no método qualitativo as amostras são reduzidas, os dados são analisados em conteúdo psicossocial e os instrumentos de coleta não são estruturados. Os critérios de seleção foram estabelecidos de acordo com o objetivo geral. Para isso, foram selecionados aqueles que tratam do preconceito linguístico, seja explicando o que seria e como ocorre ou apoiando o preconceito. Depois da coleta, os dados foram divididos em duas categorias. Na primeira categoria, ficaram aqueles que explicam o que é o preconceito linguístico, como ocorre este fenômeno e como se manifesta no dia a dia. Na

segunda categoria, foram colocados os dados passíveis de preconceito linguístico, quais sejam: aqueles que defendem que há sim um jeito certo de falar.

Levando em consideração a quantidade de dados selecionados, optamos por uma nova seleção . Nesta etapa, separamos aqueles que contêm o preconceito linguístico regional, ou seja, os que fazem um pré-julgamento da fala regional como errada, considerando correto somente o que está nas gramáticas normativas. Essa categoria, caso necessário, seria utilizada subsequentemente. Depois desta nova seleção, restaram aqueles que julgam erradas todas as formas de falar que não são prescritas pela norma culta. Nesta categoria estão os dados selecionados para análise e discussão.

Assim, os dados coletados que não seguiram para análise serviram de fonte indireta de informações e nos ajudaram a chegar àqueles que seriam analisados. Vale salientar, ainda, que os dados não analisados não foram excluídos definitivamente, pois serviram de comparação para alcançar aqueles que mais interessavam a este estudo.

A análise e a discussão dos dados obtidos serão apresentas na seção 5 a seguir.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção destina-se à apresentação dos resultados e discussões acerca dos dados obtidos durante a pesquisa, bem como fomenta as indagações sobre a problemática que norteia este estudo. Antes de apresentar os resultados, reforça-se o objetivo geral o qual reflete sobre o preconceito linguístico na rede digital Instagram. Salienta-se, também, que os dados são puramente interpretativos, como citados na seção anterior. Tal análise está dividida em dois subtópicos: o primeiro intitulado *Definindo preconceito linguístico*, que fará uma exposição sobre a postagem que serviu de corpus para nossa pesquisa; e o segundo, *Discutindo o preconceito linguístico*, destinada a análise de comentários a favor ou contra desse tipo de preconceito.

### 5.1 Definindo o preconceito linguístico

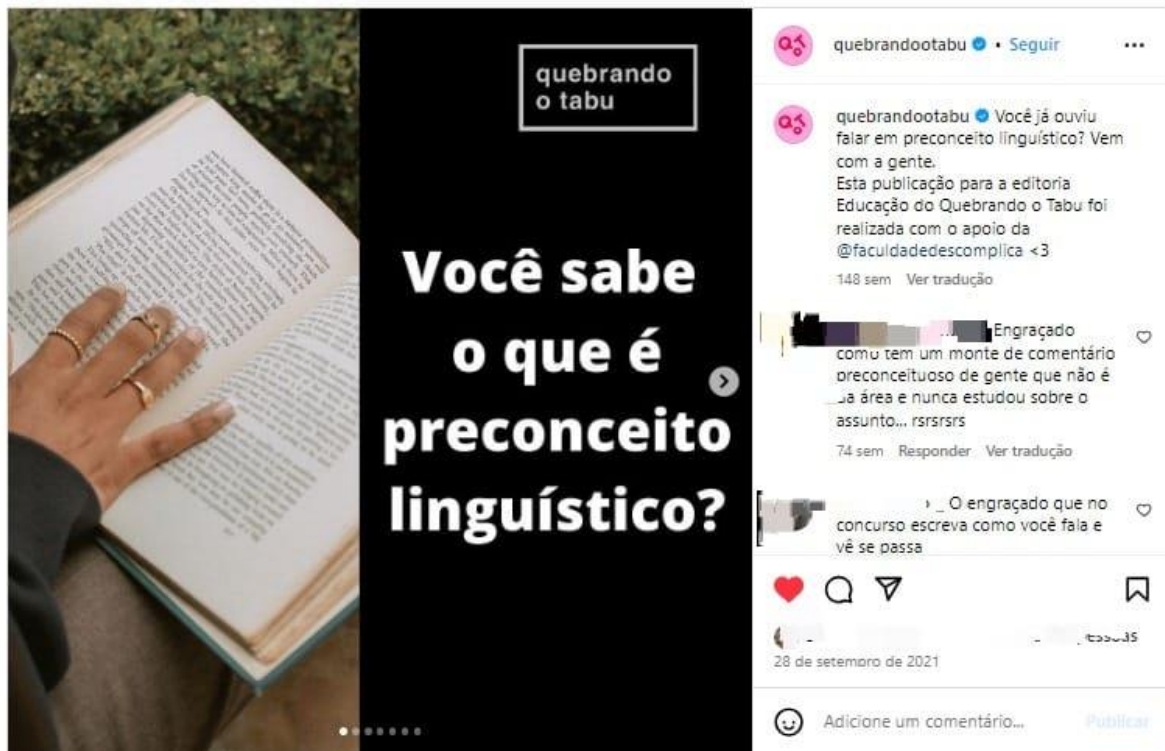
A postagem a seguir é sobre o preconceito linguístico, publicação feita pelo perfil *Quebrando o tabu* da rede digital Instagram, em 28 de setembro 2021, e conta com 823 comentários. Tal Carrossel<sup>2</sup>, composto por 7 imagens, inicia com uma pergunta: “Você sabe o que é preconceito linguístico?” O objetivo do perfil é explicar o tema em questão.

Figura 2 - Você sabe o que é preconceito linguístico? parte 1

---

<sup>2</sup> O Carrossel (ou sequência) é um formato de publicação lançado em 2017 pelo Instagram e que permite que o usuário poste mais de uma imagem de uma única vez, podendo ter entre 2 e 10 imagens por post.





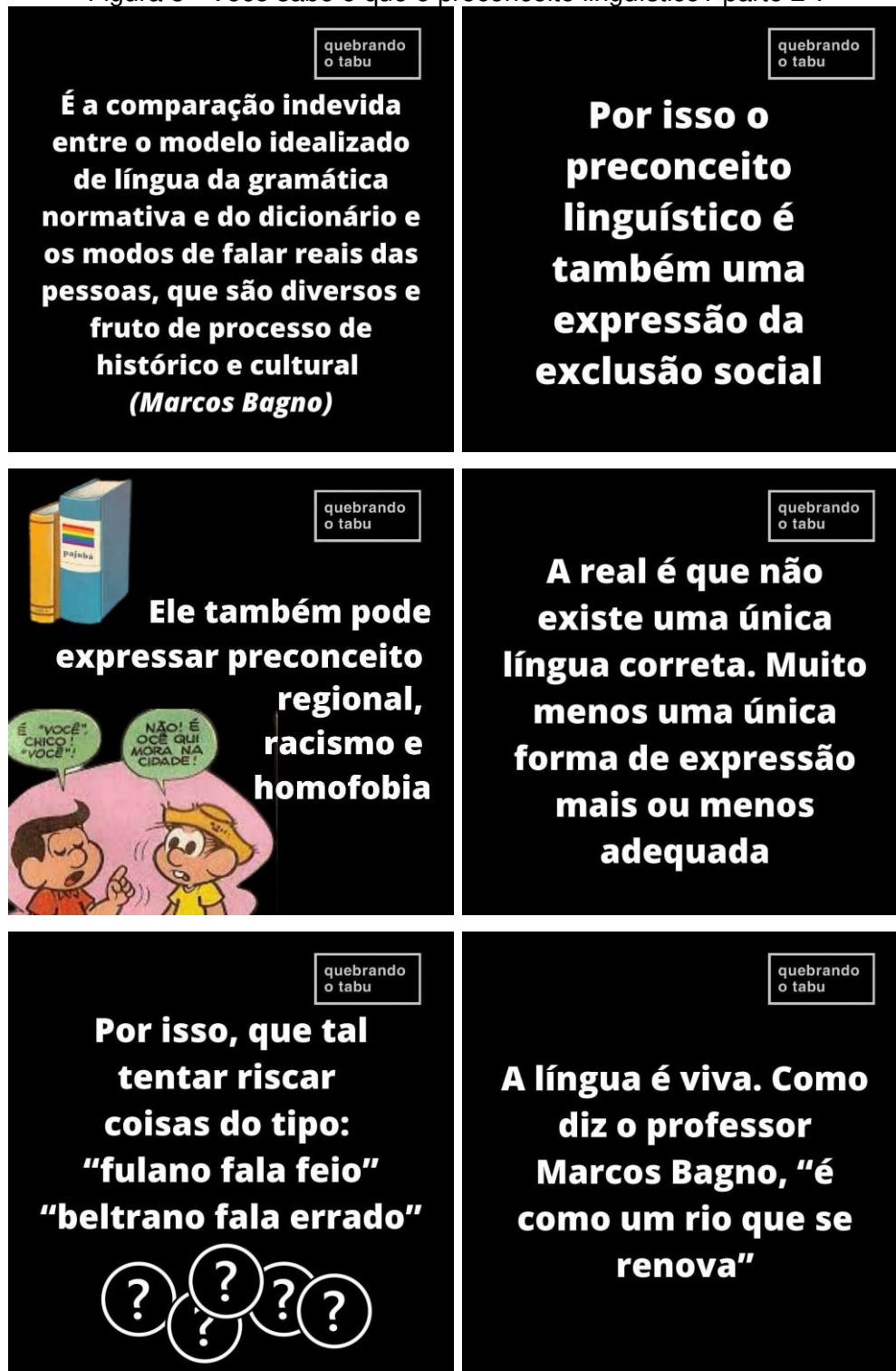
Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.<sup>3</sup>

Nessa primeira imagem do Carrossel, pode-se ver a pergunta que norteia a postagem, a mão de uma pessoa segurando um livro, fazendo uma referência a estudo, a logo do perfil “quebrando o tabu”. Além disso, há a legenda que acompanha a foto, “Você já ouviu falar em preconceito linguístico? Vem com a gente. Esta publicação para a editoria Educação do Quebrando o Tabu foi realizada com o apoio a [@faculdadedescomplica](#) <3” Nela, o perfil explica que a postagem foi feita em colaboração com outro perfil ([@faculdadedescomplica](#)), que no momento desta pesquisa, não está mais ativo, por isso, não é possível trazer informação sobre ele.

Serão apresentadas a seguir, as demais imagens que forma a postagem. Elas foram agrupadas para melhor visualização. Por isso, formaram uma ilustração única, dividida em seis partes.

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/quebrandootabu/p/CUY18fPMpKR/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/quebrandootabu/p/CUY18fPMpKR/?img_index=1)

Figura 3 - Você sabe o que é preconceito linguístico? parte 2-7



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/quebrandootabu/p/CUY18fPMpKR/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/quebrandootabu/p/CUY18fPMpKR/?img_index=1)

A imagem 2 traz o conceito de Marcos Bagno sobre preconceito linguístico. Tal fato é importante destacar por esse autor é o principal expoente no assunto no Brasil. Ao trazer uma obra de referência, a postagem mostra a preocupação em trazer um conteúdo cientificamente validado. A obra preconceito linguístico de Bagno, originalmente publicada em 1999, já teve várias edições e atualizações, inclusive uma edição especial de 20 anos de publicação.

A segunda e a terceira imagens, também baseada nos dizeres de Bagno, colocam o preconceito linguístico no grupo de preconceitos sociais, tais como a homofobia, racismo, xenofobia. E traz a ilustração do Chico Bento, personagem dos quadrinhos de Maurício de Sousa, cuja linguagem é do português caipira, típica de um morador da zona rural. Na tirinha apresentada, temos o Primo Zeca e o Chico Bento conversando. Zeca, personagem da capital que passa as férias com Chico, tenta ensinar para o primo a forma “correta” de falar “você”, enquanto o caipira insiste em usar “ocê”.

Na imagem 4, o perfil declara que não existe língua correta e uma única forma adequada. Tal afirmação coaduna com as proposições da Sociolinguística, que propõe uma visão da língua, de suas variações e seu uso adequado conforme a situação comunicativa.

Assim, na imagem 5, há uma sugestão para os seguidores: deixar de acusar os falantes da língua, declarando que “fulano fala feio” e “beltrano fala errado”. E entender que a variação linguística faz parte de toda língua e seu uso pode ser mais formal ou não, depende da situação.

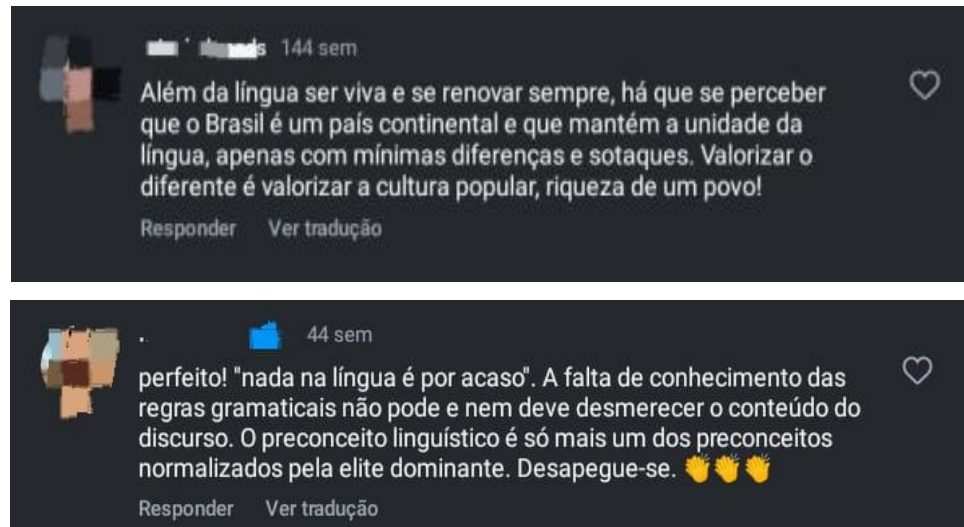
A postagem encerra com uma metáfora proposta por Bagno, para quem a língua é um rio que sempre se renova. Ou seja, a língua está em constante mudança, o que é errado hoje para alguns falantes, no passado já foi o certo, ou ainda pode vir a ser.

Embora a postagem tivesse a proposta de refletir sobre o preconceito linguístico e ajudar no seu combate, muitos internautas não compreenderam (ou não concordaram com) o assunto, o que resultou em comentários contrários, revelando preconceito acerca do modo de falar de vários indivíduos. Nossa análise seguirá analisando alguns comentários da publicação, mostrando aqueles que entendem o preconceito linguístico como um problema social que precisa ser combatido e outros que defendem uma visão tradicional de língua, focada no uso certo e errado.

## 5.2 Discutindo o preconceito linguístico

O preconceito linguístico baseia-se na ideia de língua única. Ou seja, a língua é concebida de maneira igual para todos, sem considerar fatores que a modificam, tais como: diversidade cultural e étnica, variabilidade geográfica, desigualdades sociais, econômicas, entres outros.

Figura 4 - Análise de comentário que defende a linguagem oral



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

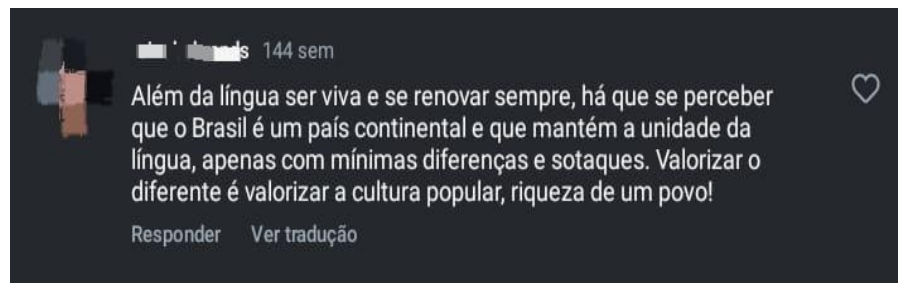
A língua é viva assim como seus. Mesmo que estes não possuem conhecimentos sobre a gramática normativa, ainda são capazes de se comunicarem entre si, sem ruídos e atritos. Entretanto, sua fala é desmerecida uma vez que não atende as regras da norma culta. De acordo com Bagno (1999, p. 15), o mito 1 consiste na ideia de que “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Isto é, a norma culta seria a língua certa. Ora, se as variantes existentes na língua falada são erradas, os usuários destas são sem língua ou não sabem falar a própria língua.

O preconceito linguístico baseia-se, também, no mito da escrita ser igual à fala. Análise de comentários que defendem a linguagem oral. Contudo, isso não seria possível, pois a língua falada não é estagnada, sem alterações ou evoluções. Bagno (1999, p. 51) afirma que “essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data antes de Cristo”. A escrita não anula

a fala, esta sofre variações, que são frutos da grande diversidade e das desigualdades sociais.

Vale destacar que a língua falada não é igual para todos, porque a grande diversidade do Brasil permite que ocorram inúmeras variações. Uma palavra pode ter diferentes significados, por exemplo, justamente pela pluralidade da fala. Segundo Bagno (1999, p. 51), “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua”. Ou seja, o fenômeno da variação enriquece e fortalece a própria língua.

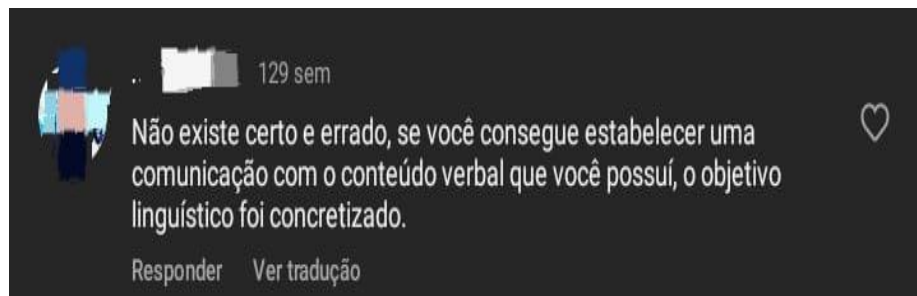
Figura 5 - Análise de comentário que defende a linguagem oral



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

A língua falada muda a todo tempo, e isso impossibilita que ela siga padrões que servem apenas para um curto espaço de tempo. O principal fator dessa mudança são seus usuários, que a adaptam de acordo com suas características e necessidades. Ressalte-se que a tentativa de manter os padrões não impede que todos os usuários a utilizem do mesmo modo, sem variações linguísticas, fonéticas e/ou morfológicas.

Figura 6 - Análise de comentário que defende a linguagem



Fonte: instagram @quebrandootabu, 2021.

De acordo com Bagno (1999, p. 123), “ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, só se erra aquilo que é aprendido”. Isto é, o indivíduo já nasce

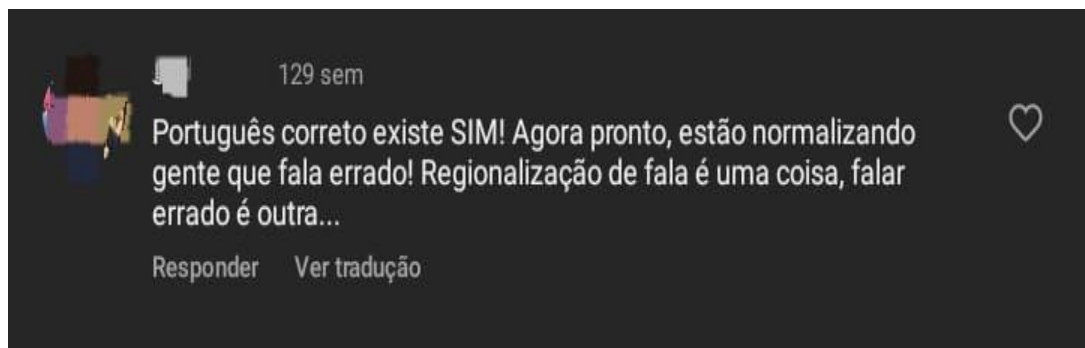
com a capacidade cognitiva de se comunicar em sua língua, então o erro não existe na língua falada, mas sim no uso da gramática normativa que estabelece regras para a escrita, sendo esta uma tentativa de regular a fala. Entretanto, a fala e a escrita se diferem, pois nenhum indivíduo é capaz de falar do jeito que escreve e vice-versa. A língua falada é intrínseca ao ser humano, faz parte da sua natureza e é aprimorada com a evolução dos falantes. É, também, através dela que a comunicação sempre existiu sem nenhum atrito.

Ademais, é possível reproduzir, por meio da fala, diversos tons de voz, o que não ocorre com a escrita, já que esta é limitada e superficial.

A língua falada desprestigiada por padrões cultos da sociedade é vista como errada por não seguir as regras da gramática normativa, que determina como deve ser a escrita. Além disso, há, também, tentativa de controlar a fala para seguir os mesmos padrões exigidos na escrita. No entanto, o fato de a língua falada ser viva e mudar de acordo com espaço em que acontece faz dessa tentativa um fracasso.

A ideia de falar correto é disseminada por quem detém maior influência na sociedade. Esse comportamento é uma forma de controle social, que acontece por meio do menosprezo dos usuários, os quais se utilizam das variações desprestigiadas da língua, resultando em preconceito linguístico reproduzido até mesmo por quem sofre com ele.

Figura 7 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



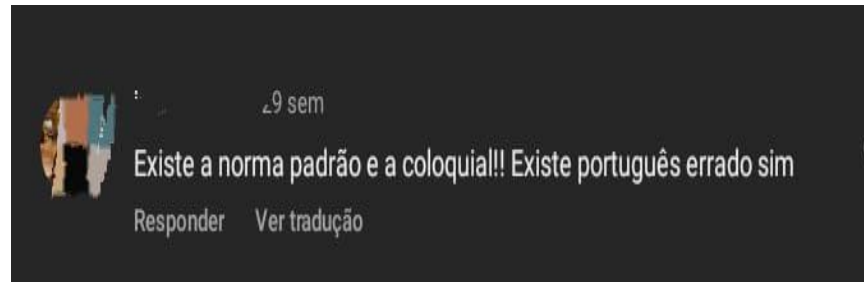
Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

O comentário acima enfatiza que existe português correto sim, e falar errado não tem nada a ver com regionalismo. O que o seguidor não entende é que o contexto entre fala e escrita é diferente, e o fato de existir uma gramática que rege a escrita não



anula a forma como a comunicação oral ocorre. Existe uma gramática normativa que estabelece regras para a escrita e, conseqüentemente, muitos tentam impô-la na fala. Bagno (1999, p. 51) afirma que “muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação”.

Figura 8- Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico

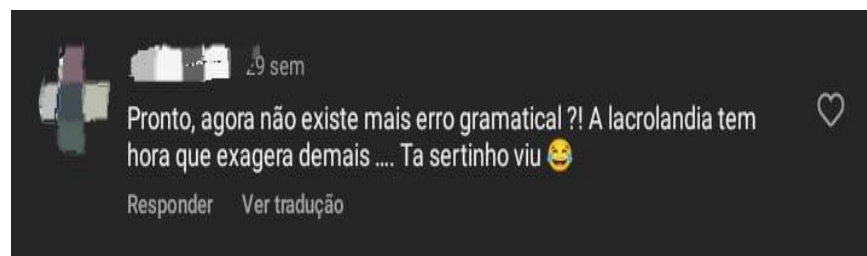


Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Este outro comentário demonstra que existe sim português errado, sendo a fala taxada como errada. Segundo Bagno (1999, p. 123), “simplesmente não existe erro de português. Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua”. O fato de existir regras gramaticais a serem seguidas em contextos orais e escritos não significa dizer que as variações que fogem desse padrão estejam erradas.

A norma padrão e coloquial é pura nomenclatura para distinguir o “certo” do “errado”, disseminada pelos manuais de gramáticas normativas, dicionários e classes dominantes. Na perspectiva de Bagno (1999, p. 126), “fica óbvio que o rótulo de erro é aplicado a toda e qualquer manifestação linguística (fonética, morfológica e sintática, principalmente) que se diferencie das regras prescritas pela gramática”. Ou seja, tal rótulo é aplicado na língua falada.

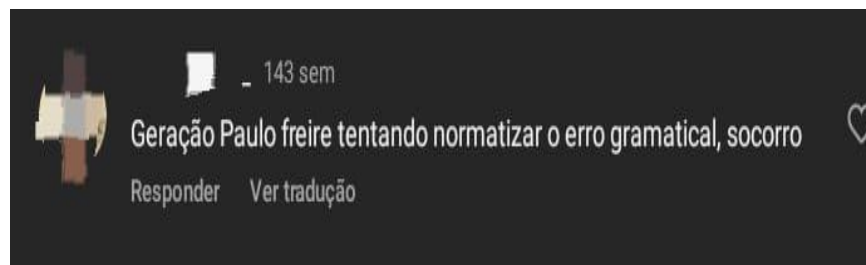
Figura 9 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Nessa mesma direção, este seguidor indagou: “agora não existe erro gramatical?” A resposta já está na própria pergunta, uma vez que a gramática serve para a escrita, não para justificar o preconceito, pois a fala segue situações reais de uso, objetivando estabelecer a comunicação. Bagno (1999) destaca que a escrita é uma tentativa de representação gráfica da fala, ou seja, a gramática tenta acompanhar a língua falada. Contudo, há atritos que impossibilitam esse acompanhamento, como o fato de a língua ser variável de região para região, de grupo para grupo, etc.

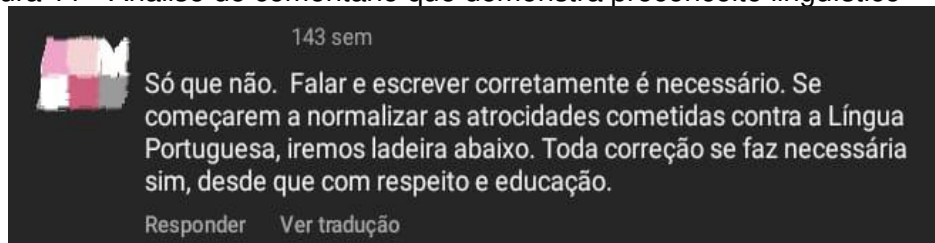
Figura 10 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Segundo esse seguidor, estão tentando normatizar o erro gramatical. É possível perceber que a sociedade adotou a ideia disseminada pela elite, pelas mídias e pelos manuais de gramáticas normativas que validam como certa a língua culta e fazem dela um modelo único a ser seguido. Nessa perspectiva, Bagno (1999) ressalta que existe uma tendência (mais “um preconceito”!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. No entanto, a variabilidade não permite que aconteça uma unidade linguística, pois há fatores sociais, culturais, econômicos e étnicos que contribuem para que não ocorra tal unificação.

Figura 11 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



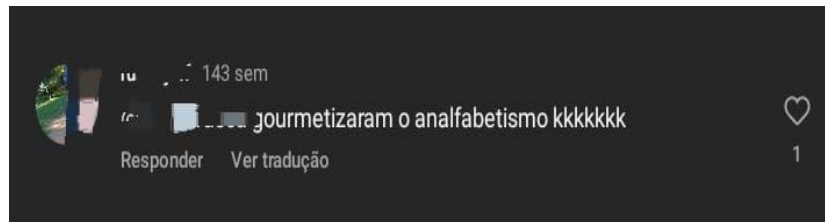
Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.



Na visão deste outro seguidor, falar corretamente é tão necessário quanto escrever. E afirma que “se começarem a normalizar as atrocidades contra a língua portuguesa iremos ladeira abaixo”. Para Bagno (1999, p. 51), “é claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada artificial”.

Ora, não se pode mudar o sotaque de uma pessoa, isso é questão de identidade, a forma como o indivíduo fala não diz respeito ao nível de conhecimento ou de ignorância, mas ao fato de que, no seu círculo de convívio social, ele adquiriu esta forma de comunicação. Isso é questão de cultura e não pode ser mudado.

Figura 12 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico

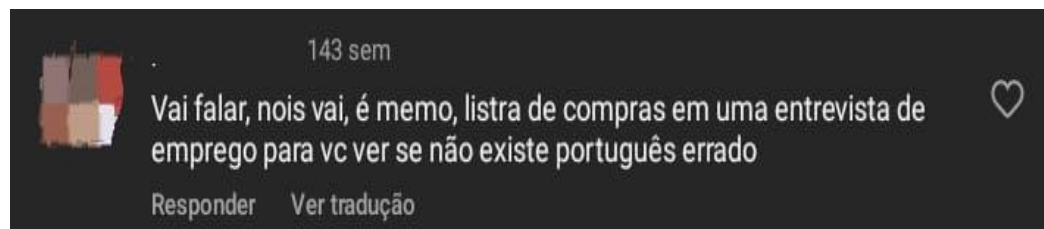


Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

De acordo com o seguidor acima, “gourmetizaram o analfabetismo”. Neste sentido, ressalte-se que analfabetismo não tem a ver com a questão da fala. Para Bagno (1999, p. 123), “ninguém comete erros ao usar a sua língua materna”.

É importante salientar que a fala e a escrita não determinam o conhecimento do indivíduo. Na comunicação, o que importa é a capacidade de usar a língua para estabelecer um canal comunicativo passível de compreensão entre interlocutor e receptor. Vale destacar que contextos orais e escritos exigem habilidades diferentes. A fala não pode ser ligada ao analfabetismo, uma vez que este se associa ao fato de não conseguir decodificar o que está escrito.

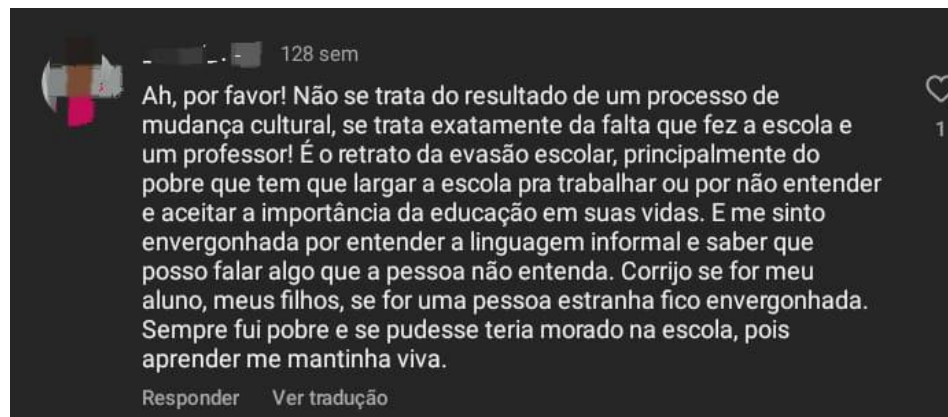
Figura 13 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Esta seguidora utiliza-se das variantes linguísticas para sustentar seu argumento favorável à existência do português errado. Não existe português errado, há padrões sociais elitizados que consideram como certo a língua culta, presente nas gramáticas normativas. Bagno (1999, p. 52) afirma que “seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUnito ou BONito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua”. A compreensão da fala não depende das normas exigidas na escrita, basta que a ordem das palavras faça sentido, obviamente, e que, nos contextos formais nos quais são exigidos a norma culta, as regras devem ser seguidas, mas isso não significa que esta seja a certa, significa apenas que ela está de acordo com a situação comunicativa.

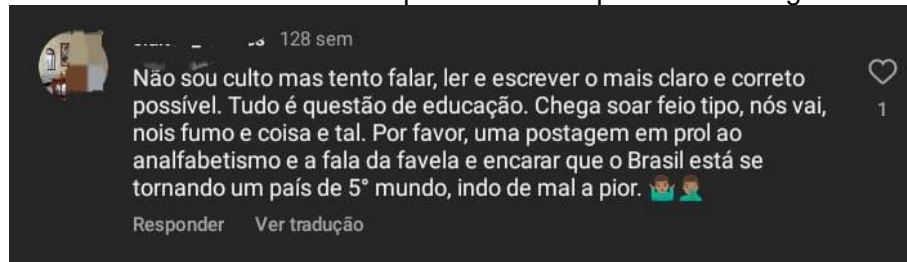
Figura 14 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Segundo este comentário, “não se trata do resultado de um processo de mudança cultural, se trata exatamente da falta que fez a escola e um professor”, reforçando a ideia de certo e errado na língua. Sob esse ponto de vista, prevalece a ideia de que é na escola que aprendemos a falar e escrever corretamente. Todavia, o que acontece é um desvio de atenção, ou melhor, de preconceito em relação à fala. Considerar um único modo certo de falar deixando de lado as demais variações é uma forma de dominação disfarçada de preconceito. Não se trata de certo e errado na língua, e sim de comunicação entre os falantes. Nota-se, portanto, que as formas pregadas como corretas servem para separar a sociedade em classes, em que é possível perceber que há uma relação de poder entre tais.

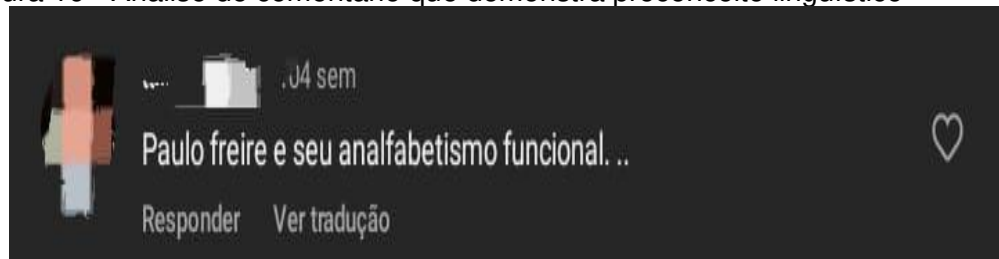
Figura 15 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Nesse comentário, o seguidor diz que tudo é questão de educação, estabelecendo uma relação de ensino com conhecimento. Enfatiza-se, ainda, a ideia de que escrever bem é requisito básico para não ser considerado favelado, ignorante ou analfabeto. Percebe-se que este comentário está atrelado ao preconceito, não o linguístico, e sim o social. Os padrões antigos que regeram a sociedade, geralmente, determinavam que quem possuía maior riqueza, possuía conhecimento.

Figura 16 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



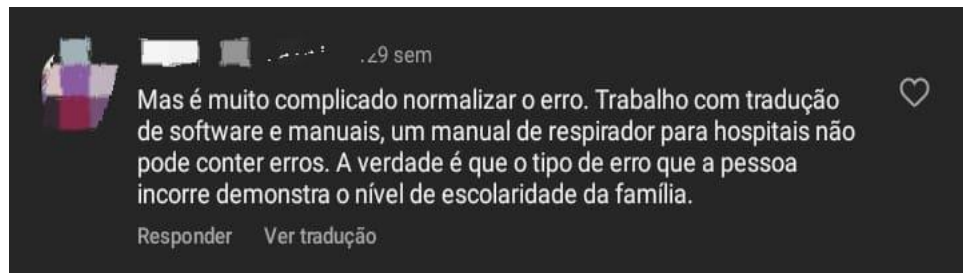
Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

O comentário acima, “Paulo Freire e seu analfabetismo funcional”, relaciona a fala com a incapacidade de se comunicar. Vale destacar que o analfabetismo é uma condição de estar incapaz de utilizar as habilidades de comunicação oral e escrita. Analfabetismo não é característica permanente ou deformidade: é um estado; um indivíduo não é analfabeto ele está. Segundo (Queiroz, 2004, p. 7), “Analfabeto – Condição de quem não sabe ler nem escrever, alvo de grande preconceito e discriminação social no País, o que é sintetizado, por exemplo, na frase “Vá estudar para ser alguém na vida!”.

A língua é o principal meio de comunicação entre os falantes que têm habilidades de fala ou escrita. Portanto, ela não pode ser usada como justificativa para

explicar o analfabetismo ou para desencadear o preconceito linguístico pelo modo de falar de um indivíduo.

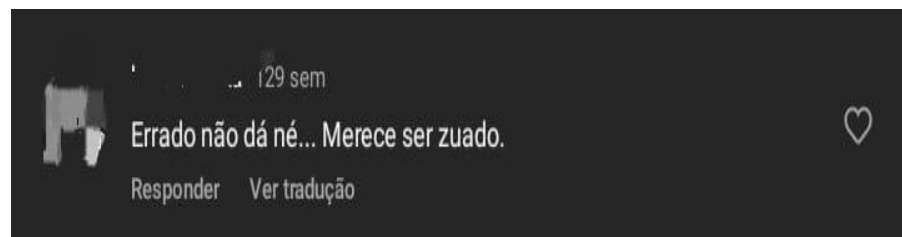
Figura 17 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

O comentário acima “mas é muito complicado normalizar o erro [...] A verdade é que o tipo de erro que a pessoa incorre demonstra o nível de escolaridade da família”, segue a mesma linha de raciocínio dos anteriores. Quando o assunto é a escrita, existem normas a serem seguidas; mas não há regras capazes de prender a fala. Na linguística a fala é usada para garantir a comunicação, se o interlocutor e o receptor conseguem entender a mensagem transmitida, então o objetivo foi atingido. Porém, para a gramática normativa, a língua falada e escrita devem seguir padrões estruturais. Faz-se necessário pontuar que a fala de um indivíduo não pode ser associada ao seu nível de escolaridade e conhecimento.

Figura 18 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico

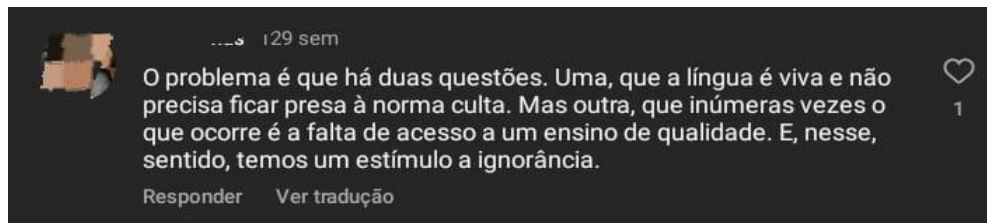


Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Ainda na perspectiva de justificar o preconceito linguístico, temos o seguinte comentário: “errado não dá né... Merece ser zuado”. Esse comentário é referência explícita à escrita e à fala. É importante salientar que a língua não é exclusivamente objeto de comunicação, ela também é uma forma de dominação. De acordo com (Bagno, 1999, p. 132), “a linguagem é muitas vezes um poderoso instrumento de ocultação da

verdade, de manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento”. A ideia da existência da língua dos cultos, dos livros, das mídias e das escolas é utilizada pela sociedade como forma de acabar ou de diminuir os dialetos existentes.

Figura 19 - Análise de comentário que demonstra preconceito linguístico



Fonte: Instagram @quebrandootabu, 2021.

Analisando mais este comentário, notam-se duas situações: a primeira é a de que “a língua é viva e não precisa ficar presa à norma culta”. De fato, não há como manter um padrão para a língua, pois ela varia de grupo para grupo, de região para região, de estado para estado, etc.; já a segunda situação, de acordo com o seguidor, “inúmeras vezes o que ocorre é a falta ao ensino de qualidade. E, nesse sentido, existe um estímulo à ignorância”. A questão de ensino não pode estar atrelada à inteligência de um indivíduo. É totalmente possível um médico e um curandeiro possuírem conhecimentos sobre diversos remédios para várias doenças, a diferença é que o primeiro possui formação acadêmica e o outro não.

Diante das análises feitas, percebe-se que a maneira como a língua é concebida por muitos gera tanto o preconceito linguístico quanto o julgamento feito não é só sobre o modo de falar, mas também sobre a pessoa, o lugar e a classe social.

## 6 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou refletir sobre o preconceito linguístico na rede digital Instagram, baseando-se na postagem do perfil *Quebrando o tabu* a respeito do assunto.

O preconceito linguístico faz-se presente no dia a dia da sociedade, em todos os espaços e falas e, muitas vezes, passa despercebido porque é visto como uma brincadeira ou piada. Em virtude disso, o perfil quebrando o Tabu foi escolhido para estudo com a intenção de analisar como o preconceito linguístico está sendo disseminado, tendo como foco principal os comentários que a publicação obteve no post em estudo.

Logo, foi possível perceber que existe o mito da língua certa e única, qual seja, a norma culta, sendo considerada correta tanto na escrita quanto na fala. Na contramão desta, está a norma não padrão, proveniente das variações que ocorrem na língua devido a fatores diversos. Enquanto a primeira está presente nas gramáticas normativas, nas escolas e nas mídias, a segunda está na “boca do povo”.

A análise da enorme quantidade de comentários defendendo “o modo certo” de falar deixou evidente que o preconceito linguístico é estrutural e estruturante. Nota-se que os conceitos e regras presentes nas gramáticas normativas e ensinadas nas escolas servem para dividir ainda mais os grupos sociais. Além disso, a confusão entre fala e escrita aflora ainda mais essa discussão, sendo comum estabelecer as mesmas regras para as duas situações da língua; entretanto, a relação entre língua falada e escrita são diferentes.

Saliente-se, ainda, que o fato de existir a norma culta servindo para contextos formais e profissionais não faz dela única e exclusiva. No entanto, usa-se mais a linguagem informal em contextos informais, os quais não requerem formalidade por parte do interlocutor e do ouvinte. Percebe-se que as redes digitais contribuem para o aumento do preconceito linguístico. Diante disso, cabe destacar dois pontos principais: (i) as redes acumulam muitos usuários, que não têm medo de expor suas opiniões preconceituosas, pois se trata de um ambiente sem lei, sem controle; (ii) o preconceito em forma de meme facilita a disseminação do preconceito linguístico, pois, neste tipo de postagem, os

internautas comentam sem restrições, achando engraçado, feio e errado e, caso alguém retruque, a discussão se agrava.

Logo, o aumento do preconceito linguístico pelas redes digitais é muito mais rápido do que pelas gramáticas normativas. Esta é mais lenta, porém mais destrutiva, dado que se trata de um processo educativo, sendo construído aos poucos. Por outro lado, as mídias digitais atingem de forma rápida um número maior de pessoas, com resultado imediato.

Com base no que foi apresentado, percebe-se que a existência do mito da língua única impregnou na sociedade. É um processo estrutural que revela como esta se mantém organizada, trata-se também de uma forma moderna de dominação. Antes, a sociedade elitizada usava outros meios para manter o controle sobre as classes mais pobres e frágeis; hoje, dominar a língua culta é considerado, pela elite, uma forma de controlar a sociedade. Portanto, percebe-se, que há um círculo vicioso, que não termina e permanece o mesmo, e vai mudando na mesma proporção da evolução da língua e da sociedade.

Dessa forma, compreende-se, que esta pesquisa possa colaborar com os estudos de futuros alunos do curso de Letras que possam a vir trilhar esta área da Sociolinguística. Espera-se, também que sirva para professores que trabalham com o ensino médio, e até mesmo, com aqueles que trabalham nos anos finais do ensino fundamental.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo, edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos, **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**, São Paulo, parábola editorial, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, **manual de Sociolinguística**, 1. ed. 3ª reimpressão- São Paulo, contexto, 2021.
- CALVET, Louis Jean, **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**, São Paulo, parábola, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. 5. reimpr. São Paulo, Atlas, 2012.
- LABOV, William, **Padrões sociolinguísticos**, parábola Editorial, 2008.
- MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Maria Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. -5. Ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Maria Eva. **Técnicas de Pesquisa**. -7. ed. - São Paulo: Atlas 2009.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, **Manifesto do partido Comunista**, 2ª ed., avante, Lisboa, 1997.
- MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo, 2012.
- QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto e direitos humanos**. Brasília: SEDH, 2004. 88p.
- SANTOS, F. dos L; MARIA, G.G; LAVAREDA, C.D.W. **Preconceito linguístico: a sala de aula e o meio digital no âmbito das políticas linguísticas**. Revista ibanceira. Num.19. Out-dez. 2019.
- SAUSSURE, Ferdinand de; 1857-1913. **Curso de Linguística Geral**.org. Charles Bally; Albert, Sechehaye. colab. Albert, Riedlinger; prefácio da edição brasileira Issac Nicolau Salum. trad. Antonio Chelini; José Paes; Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: coutrix, 2006.



TARALLO, Fernando Luiz. **Pesquisa sociolinguística**. Fernando Luiz Tarallo. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.